

I CONGRESSO INTERNACIONAL MULTIDISCIPLINAR DE EDUCAÇÃO

Brasil, 200 anos depois

25 a 27/04/2023, evento on-line

GT07. Pandemias, Saúde e Educação

Aus Ouvidos: Reinventando a escuta no encontro com a escola

Denise Nogueira Abreu (Instituto Aus Ouvidos), Amanda Menconi (UNICAMP)

Resumo: O artigo parte do diálogo entre saúde e educação na construção de saídas inovadoras para minimizar prejuízos causados pela pandemia nos processos educacionais. Relata a experiência de escuta, realizada de forma gratuita e online pela equipe de psicólogos e psicanalistas voluntários do Instituto Aus Ouvidos, com sede no Vale do Paraíba (SP) e professores de uma Escola Estadual localizada no interior do estado do Pernambuco, através de plataforma própria, desenvolvida em parceria com a Microsoft e a Ong MTAC. Entendendo a urgente necessidade da construção de laços em meio a um cenário de isolamento social, foi preciso repensar a escuta. A inspiração foram as ideias de Paulo Freire (1996) sobre uma educação baseada na não hierarquia entre educadores e educandos e no foco na transformação social. Como conclusão construímos uma nova modalidade de escuta na saúde mental; partindo: i) da ideia de igualdade entre aquele que escuta e aquele que é escutado; ii) da importância de a escuta superar o individualismo e impactar beneficentemente a coletividade onde a pessoa se insere. Com foco na prevenção, pudemos partilhar angústias e temores dos docentes e valorizar as histórias e memórias da escola.

Palavras-chave: pandemia, educação pública, saúde mental, tecnologia

Introdução

Naquele instante onde o mundo todo esteve afetado pela maior preocupação e atenção sanitária de nossa época, a pandemia da Covid 19, sentimos, ao mesmo tempo, o impacto coletivo e singular, de algo desconhecido e mortífero.

Se a questão da saúde mental sempre esteve em pauta nas reflexões sobre o adoecimento gerado pelos modos de vida na sociedade atual, com a chegada da pandemia, passou-se a elevar a saúde mental a categoria de protagonismo frente ao cuidado humano. Tratava-se de uma condição de urgência sanitária somada ao desamparo em relação a ações políticas efetivas para o seu enfrentamento.

A situação singular gerada pela pandemia revelou a importância de repensar a escuta em saúde mental. Em primeiro lugar, era necessária uma modalidade que possibilitasse respirar, ou seja, restabelecer minimamente o necessário para continuar. Parar, respirar e reorganizar os pensamentos, reordenar os espaços, recriar laços e fortalecer os vínculos.

Também era necessário refletir sobre sua abrangência e a importância de chegar a grupos muitas vezes alijados de seus benefícios, tanto devido ao isolamento social, quanto devido ao aprofundamento da desigualdade social.

É nesse contexto que surgiu o Instituto Aus Ouvidos e a construção de uma proposta de ação condizente com o momento pandêmico. Uma escuta ativa, com qualidade e responsabilidade, que buscou acolher, conhecer histórias, sonhos e decepções, reviver lembranças, refletir sobre dúvidas e escolhas, compartilhar sentimentos, dores e medos diante das perdas e, acima de tudo, se fazer presente.

Este trabalho relata a experiência do Instituto Aos Ouvidos com um dos grupos escutados pelo projeto: o corpo docente de uma Escola Estadual localizada no interior do estado do Pernambuco. Tal relato oferece elementos para pensar os desafios da relação entre saúde mental e educação no contexto pandêmico e suas implicações nos dias de hoje.

Acreditamos que essa experiência foi transformadora tanto para quem foi escutado, quanto para a psicóloga envolvida na escuta desse grupo. Assim, fruto do diálogo entre essa psicóloga e uma professora da rede básica pública surgiu esse artigo, como uma tentativa de encontrar em Paulo Freire a inspiração para repensar a escuta a partir da escola.

Para melhor compreensão dessa experiência estruturamos o texto da seguinte forma: iniciaremos com a explicação do que é a modalidade chamada Escuta Pontual desenvolvida pelo Instituto Aus Ouvidos e como os elementos debatidos por Paulo

Freire em Pedagogia da Autonomia podem subsidiar e fundamentar o desenvolvimento dessa modalidade de escuta em saúde mental, a partir da relação entre saúde e educação para a transformação social. A segunda parte trás o relato de como essa modalidade de escuta ocorreu com o corpo docente de uma Escola Estadual, bem como os pontos de reflexão gerados a partir dessa experiência concreta.

Repensar a escuta a partir de Paulo Freire

A Escuta Pontual foi a modalidade desenvolvida pelo Instituto Aus Ouvidos a partir da necessidade de repensar os atendimentos em saúde mental durante a pandemia. Tratou-se de uma das respostas possíveis no enfrentamento ao cenário que atravessamos em 2020. Ou seja, uma escuta contextualizada, que considera que todas as vidas envolvidas na escuta, como profissionais ou convidados, estavam imersas no cenário social pandêmico.

Assim como afirmou Paulo Freire para a educação, “ensinar exige reflexão crítica sobre a prática”, pensamos que é urgente, na saúde mental, uma ação reflexiva sobre a própria prática, ou seja, repensar a prática dos profissionais da área da psicologia.

Repensar, em primeiro lugar, pois falamos de uma área profissional marcada pelo isolamento mesmo antes da pandemia e que necessita urgentemente atender às necessidades do movimento presente.

Freire também afirmou sobre a educação que ensinar exige “apreensão da realidade”, exige “risco, aceitação do novo”. Nesse sentido, assim como foi complexo para os professores a mudança de seu fazer profissional para o ambiente digital durante o isolamento, também foi uma novidade para os psicólogos o aumento da modalidade de atendimentos online em saúde mental. A parceria com a Microsoft e a ONG MTAC foi fundamental e, ao mesmo tempo que possibilitou encontros, necessitou que todos os envolvidos na escuta estivessem abertos ao novo aprendizado em relação ao uso da ferramenta. A escuta feita de forma online é sem fronteiras e possibilita aproximar e reorganizar espaços para que a coletividade se fortaleça.

Escutar é um processo de intimidade, exige compromisso com a palavra que vem de um pensamento, de um sentimento e torna-se nomeação, narra e tece uma nova leitura e este processo é um lapidar constante que exige respeito para ser um ato de transformação. É necessário refletir sobre a escuta, lapidar a escuta, afiná-la, exercitá-la. Compreender diferentes modos de ver e sentir o mundo. Partimos das interrogações sobre como é escutar ou como se aprende a escutar. Como disse Freire para a educação, ensinar exige saber escutar. Acreditamos que também para a

psicologia o “saber escutar” não é algo definido em manuais e dogmas, mas algo que necessita ser revisto à luz das mudanças do presente.

Entendemos que a Escuta Pontual é única no sentido de ser um momento de encontro singular, entre a pessoa que vem falar e o profissional que está no aguardo para escutar. Há algo que toca a pessoa, seja aquela que fala ou aquela que escuta, de forma que sempre saímos modificados desse encontro. Todo encontro é um único e essencialmente criativo, produz saberes e pressupõe a troca. Assim, a Escuta Pontual parte da valorização do encontro na singularidade presente no espaço e no tempo.

Escutar é um processo subjetivo, experienciamos, nos colocamos a vivenciar a escuta em nós e a partir de nós. O desafio imposto a nós diante da ação da escuta é algo sutil, muitas vezes não percebemos. Estamos imersos em uma cultura onde aguardar, olhar, ouvir e organizar esse todo soa como algo estranho.

Na Escuta Pontual a pessoa se depara com a sua narrativa, desperta para sua própria fala e se encontra na escuta de seu dizer. Assim, a Escuta Pontual valoriza o encontro da fala com a escuta pela própria pessoa que narra, uma vez que acredita que ela faz emergir aquilo que é significativo àquele que fala, como suas histórias e memórias, possibilitando uma transformação capaz de elevar a escuta ao compromisso de reflexão.

O imediatismo, a necessidade de ter uma resposta, o movimento de uma ideia pré-concebida está muito presente em nós, em nossa sociedade, em nossos relacionamentos e nossas ações. A escuta também é pontual pois ela não visa concluir ou responder e sim oferecer novas perspectivas, possibilitar reflexões em novos espaços. Como disse Freire para a educação, ela exige “consciência do inacabamento”.

A Escuta Pontual, da forma como propomos aqui, só é possível uma vez que é uma escuta qualificada, realizada por profissionais especializados, formados em psicologia ou psicanálise e dispostos a realizar uma escuta atenta, sem pressa e livre de julgamentos e aconselhamentos, em um ambiente seguro e sintonizada com os propósitos e premissas acima descritos. Assim como afirmou Paulo Freire sobre a educação, “ensinar exige segurança, competência profissional e generosidade”. Pensamos o mesmo em relação à Escuta Pontual.

Importante ressaltar que as escutas pontuais não se caracterizam em psicoterapias, e por serem nomeadas como pontuais não quer dizer que estão ofertadas em uma única vez. Pelo contrário o convidado à escuta poderá realizá-las por quantas vezes sentir necessidade. A experiência deverá ser de acordo com as necessidades, o que nos coloca em uma ação singular que visa a coletividade de um bem-estar. Assim, a Escuta Pontual pressupõe a autonomia daquele que é escutado, permitindo a escolha de retornar mais vezes para outras escutas caso deseje.

A dialética entre individual e coletivo: *O Curador e o Convidado da Escuta*

Outro elemento que difere a Escuta Pontual de outras modalidades de escuta em saúde mental é que esta pressupõe que a pessoa escutada seja parte de um coletivo. Ou seja, é uma pessoa que fala em nome de algum coletivo que procura o Instituto Aus Ouvidos para participar. A esta pessoa, que realiza a mediação entre o coletivo e o Instituto damos o nome de Curador da Escuta. Curador pode ser uma ou mais pessoas, dependendo da forma como cada coletivo se articula.

É através do Curador da Escuta que são disponibilizados os acessos à Escuta Pontual, realizada de forma individual e é essa pessoa a responsável por acompanhar seu grupo e refletir sobre as reverberações da escuta individual no coletivo. Assim, o papel do curador da escuta é fundamental para que o laço de compromisso e de confiança ocorra.

Freire afirmou que ensinar não é transferir conhecimento, mas uma ação que exige o respeito aos saberes dos educandos e o reconhecimento e a assunção da identidade cultural. Nesse sentido, a Escuta Pontual envolve reconhecer que a pessoa escutada é parte de um coletivo, possui uma identidade e um saber próprio. Assim, o Curador também é fundamental para que o cuidado seja realizado com responsabilidade e respeito à identidade cultural de cada grupo. Da mesma forma, é necessário que os psicólogos envolvidos estejam ganhos para essa concepção que pressupõe a importância da coletividade em detrimento do individualismo.

Definido quem será o curador, este é convidado para um encontro com a equipe Aus Ouvidos. É disponibilizado um material de divulgação e conversado sobre as formas de proceder com as informações na comunidade, no sentido de explicar àqueles que serão convidados da escuta de que o compromisso da escuta pontual não é realização de um tratamento psicoterapêutico, não é uma triagem para encaminhamentos, não é um atendimento de aconselhamento, não é uma condição de escuta que foca em pontos de diagnosticar e ter um saber sobre resoluções imediatas, respostas prontas. Do singular ao coletivo, cabe a costura de muitas histórias, cabe fazer ressoar muitas vozes.

Partindo de um convite feito pelo Curador para experimentar a troca em um encontro de Escuta Pontual onde um profissional preparado e qualificado o receberá, a pessoa é informada sobre do que se trata a proposta de escutas no Instituto, sobre as questões de éticas e rigor do sigilo, orientações sobre como acessar e manusear a ferramenta e ter acesso ao código de autorização necessário para realizar o agendamento no site Aus Ouvidos. As pessoas participantes do grupo cadastrado no Instituto chamados de Convidados da Escuta.

O convidado é aquele que vem conversar por sessenta minutos sobre o tema que for de seu desejo. A conversa é a construção de uma prosa que faz a palavra fluir e circunstâncias pessoais se colocam de modo pontual. Como evidenciado na primeira parte, o Convidado, na presença de um profissional, se beneficia da escuta consigo mesmo, percebe aquilo que se faz presente em seu dizer, aquilo que explica ou que repete.

O Convidado da Escuta não é um paciente. Não estamos em um tratamento ou um processo de triagem ou mesmo aconselhamento. Estamos em um encontro de escutas qualificadas onde quem busca pela escuta é alguém que se convida a ser escutado pelo outro e por si mesmo.

A Escuta na Escola

Uma vez compreendida a forma como o Instituto Aus Ouvidos trabalha e os conceitos de Escuta Pontual, Curador da Escuta, Convidado da Escuta e as premissas freireanas que iluminam esse tipo de prática, passaremos agora a relatar como essa modalidade de escuta reverberou dentre os professores de uma Escola Estadual localizada no interior do estado do Pernambuco, através de plataforma própria, desenvolvida em parceria com Microsoft e Ong MTAC.

Se todos os espaços foram afetados pelas mudanças impostas pela pandemia da Covid 19, a escola é um daqueles em que as mudanças foram absolutamente nítidas. Como lugar privilegiado do encontro e do convívio, o isolamento social imposto fez com que o luto diante das perdas de entes queridos e membros da comunidade escolar não pudessem ser elaboradas coletivamente.

O retorno presencial foi feito sob o signo da urgência, a partir da ideia de que a pandemia havia imposto uma “perda irreversível” não de pessoas e afetos, mas de conteúdo a serem aprendidos. De forma atabalhoada e sem que houvesse, de fato, um ambiente seguro e livre do contágio do vírus, foi realizado o retorno presencial dos alunos. Aos professores caberia “correr com a matéria”, minimizar o “abismo educacional”, uma vez que a ênfase das orientações que chegavam até a escola passou muito longe da ideia de fortalecimento dos laços e reconstrução dos espaços.

Foi nessa conjuntura que o Instituto Aus Ouvidos recebeu o pedido realizado por um dos educadores representantes da E.E. São Vicente de Paula.

Indicado a experimentar a escuta pontual pela curadora do Espaço Casulo, o professor JM realizou sua escuta pontual e se engajou em trazer coletivos que participa para ser cadastrado na plataforma Aus Ouvidos. Partindo de sua experiência com a

Escuta Pontual, JM percebeu o quanto pessoas atuantes no coletivo cultural Ressaca Literária e As Karolinas estariam se beneficiando das escutas pontuais em sua cidade. Em seguida convida a escola representada pelo grupo de educadores para ser um novo grupo a se cadastrar. Deste modo o professor JM se torna curador desses grupos.

Surge a necessidade de uma intervenção com uma proposta específica para a escola enquanto sujeito, a fim de auxiliar em uma forma de aprender e compreender como os educadores pudessem estar diante dos alunos nesse momento caótico de ausência de garantias para o retorno presencial pós reclusão. Tratava-se de um momento delicado uma vez que o novo encontro entre educadores e alunos no modo presencial não era um simples retorno, mas uma resultante do impacto do caos pandêmico, com todo efeito econômico, político, social e com severos efeitos na saúde mental.

Como seria possível aos professores escutar seus alunos, ajudá-los a alcançar respostas e ao mesmo tempo, na condição de professores, lidar com as fragilidades resultantes dos enfrentamentos pessoais vivenciados pelo grupo de alunos e os desafios internos e externos nos quais foram impactados.

Foi nesse contexto que o professor JM, Curador da Escuta, auxiliou os colegas educadores na informação e orientação sobre a proposta e manuseio das ferramentas para agendamentos e realizações das escutas pontuais que o Instituto Aus Ouvidos realiza de modo gratuito. A parceria entre o Instituto Aus Ouvidos e a Escola Estadual SVP foi realizada a partir das seguintes etapas:

Etapa 1 – Um encontro online entre o Instituto Aus Ouvidos e o professor JM que se apresentou como Curador da Escuta. O Objetivo desse encontro foi compreender a dinâmica cotidiana que a instituição experimenta para que fosse construída proposta adequada às necessidades expostas.

Etapa 2 – Após o primeiro encontro, ficou estabelecido um cadastro para o grupo de docentes, com o professor JM cumprindo a função de Curador da Escuta, responsável pela interlocução entre o Instituto Aus Ouvidos e o grupo de educadores da Escola.

Etapa 3 – Foi enviado ao Curador cards de divulgação para ser compartilhado ao grupo via redes internas, ou fixado em local de acesso presencial dos educadores, vídeos tutoriais com a orientação de como acessar a plataforma e agendar a escuta, além do código de autorização para a realização das escutas pontuais.

Etapa 4: As Escutas Pontuais, realizadas em doze semanas.

Etapa 5: A partilha coletiva em um encontro híbrido, presencial para o grupo de professores e online para a psicóloga do Aus Ouvidos

Iniciamos o trabalho com a proposta de ofertar aos educadores as Escutas Pontuais. Esta primeira fase do projeto com a escola durou doze semanas e as escutas foram realizadas de acordo com os agendamentos realizados por cada professor. Os professores puderam agendar escutas na frequência que gostariam, de acordo com seu desejo ou necessidade. A partir desse momento pudemos vivenciar a escuta. Como viver é um ato de experienciar os instantes, a escuta necessita ser vivida.

Foram realizadas várias escutas por semana, com diferentes professores, ao longo de três meses. A maioria dos professores tinha internet em sua residência ou no celular, de forma que a maioria das escutas foi realizada dessa maneira. Para aqueles que não possuíam internet ou que preferiam realizar a escuta por meio da internet da escola, foi disponibilizado local privativo para acessar seu agendamento, em seu celular ou em um computador ofertado pela instituição, todas as escutas acontecem de modo individual e privado, também o professor pode utilizar espaço para as escutas no momento de suas reuniões, se dirigindo ao local privativo.

Boa parte dessas escutas foram realizadas pela Psicóloga e Psicanalista Denise Abreu, coautora desse artigo. De modo geral, sem entrar nas especificidades de cada encontro realizado, é possível afirmar que a experiência trouxe a oportunidade de cada educador ser escutado de forma individual e poder fazer emergir suas ideias, angústias, ansiedades, lembranças, temores, assim como sonhos e esperanças em um novo movimento para uma perspectiva pessoal e profissional.

A partir do propósito da Escuta Pontual, os educadores da escola não foram “escutados como pacientes”, mas sim como convidados para uma escuta, constituindo um encontro cujo objetivo foi experimentar ser escutado por um profissional, onde, de forma sigilosa e livre de julgamentos e exigências, pode se sobrepor a espontaneidade do ato de falar e a possibilidade de ouvir a si mesmo.

Porém, a partir do entendimento da necessidade de, ao mesmo tempo, possibilitarmos uma escuta individual, porém não individualista, ou seja, que possibilite emergir os sentimentos de cada pessoa, mas entendendo essa pessoa como parte de um coletivo, podemos dizer que os sentimentos trazidos estavam em meio a um contexto de desafios coletivos. Dentre os principais desafios coletivos estavam as perspectivas dos docentes em relação ao retorno presencial dos alunos, sobretudo, como ouvir os alunos que chegavam.

Ou seja, os educadores, ao experimentarem a escuta pontual, podiam se colocar no lugar daquele que é escutado, gerando maior empatia quando, na sala de aula, coubesse a eles, como professores, a função de ouvir os alunos recém-chegados ao modo presencial em um contexto pandêmico.

O reencontro não é “continuar de onde parou”, mas pensar novas formas de recomeço após vivenciarmos coletivamente uma tragédia humanitária. Aqui também a escuta se faz uma necessidade para a elaboração coletiva do luto, sobretudo em uma cidade pequena, onde todos se conhecem.

Em seguida realizamos um encontro de balanço das escutas, onde os pontos de interrogação se tornam pontos de implicação, uma vez que não há uma resposta, mas sim uma nova percepção sobre como se tece as interlocuções diante das demandas pessoais e profissionais.

Não foi o objetivo ter um aprendizado sobre uma “metodologia” capaz de ser modelo eficiente de escuta com busca de respostas padronizadas e receitas a replicar, o desafio foi realizar uma escuta com qualidade e responsabilidade, mostrar pela vivência das escutas pontuais o quanto é possível se implicar em escutar a si e ao outro em um novo movimento de tom e ritmo a ser experienciado.

Logo antes da chegada presencial dos alunos, no segundo semestre letivo, foi realizada um encontro de troca e reflexão entre o Instituto Aus Ouvidos e os professores da escola, durante a hora de trabalho coletivo. Nesse encontro, cada pessoa teve seu espaço de fala. Escutamos e fomos escutados. Provocamos e pudemos construir juntos algo diferenciado, ousar, inventar, criar e acreditar ser possível experimentar em conjunto.

Realizamos nosso encontro permeado de um sentimento de alívio por não ser uma constatação de incapacidade o ato de não existir respostas prontas e capazes de alterar de modo perfeito o contexto de angústia de novidade e muitas vezes desarticulação entre o que era antes da pandemia e o que passou a surgir no momento atual. As impressões sobre a importância de ser escutado e o bem-estar pela simples ação de respirar e falar mostrou que a complexidade de uma escuta está também na condição de abertura para falar, o que implica ter um espaço de confiança e empatia e o não saber e muitas vezes o silêncio é algo que quando acolhido, torna possível ser nomeado e depois torna-se uma história. Estamos em um momento novo, novo para aprendermos a ter pausas, ter encontros e buscar em nós e nossos locais as histórias que temos e que nos compõe.

O professor JM é um artista e é poeta, faz repentes e versos, recita e faz leituras de modo singular, combinamos que ao finalizarmos ele faria a leitura de um texto e assim o fez causando muita emoção em todo o público. Texto lido pelo professor JM Fábula de um Arquiteto de João Cabral de Melo Neto:

A arquitetura como construir portas,
de abrir; ou como construir o aberto;
construir, não como ilhar e prender,

nem construir como fechar secretos;
construir portas abertas, em portas;
casas exclusivamente portas e teto.
O arquiteto: o que abre para o homem
(tudo se sanearia desde casas abertas)
portas por-onde, jamais portas-contra;
por onde, livres: ar luz razão certa.

Até que, tantos livres o amedrontando,
renegou dar a viver no claro e aberto.
Onde vãos de abrir, ele foi amurando
opacos de fechar; onde vidro, concreto;
até refechar o homem: na capela útero,
com confortos de matriz, outra vez feto.

Publicado no livro A educação pela pedra (1966).

In: MELO NETO, João Cabral de. Obra completa: volume único. Org. Marly de Oliveira. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p.345-346. (Biblioteca luso-brasileira.

Série brasileira

O encontro trouxe um lugar de pertencimento e de encontro para juntos superarem os medos e as dores que todos estiveram envolvidos de algum modo, recomeçar não é dar continuidade, reinventar os espaços internos é uma ação necessária para que novos passos sejam sonhados. Nosso encontro foi marcado por silêncios, palavras novas, provocações e acima de tudo por afeto.

Conclusão

Como conclusão construímos uma nova modalidade de escuta na saúde mental; partindo: i) da ideia de igualdade entre aquele que escuta e aquele que é escutado; ii) a importância da escuta superar o individualismo e impactar beneficentemente a coletividade onde a pessoa se insere; iii) protagonizar o encontro pela diversidade e para além do rótulo de enfermidades mentais.

A conclusão desta experiência nos permite dizer que Aus Ouvidos apresenta a reinvenção da escuta articulando para um horizonte social, no qual estamos imersos em uma multiplicidade de vozes e falas. Escutar é possibilitar um novo diálogo, um novo compromisso de narrativas onde o viés da singularidade se ocupa de forma íntegra, delicada e responsável.

Quando propomos um encontro onde ocorre a escuta pontual, estamos constituindo um encontro multicultural, cada ser humano possui um modo único de ser e estar no mundo, se relaciona com o espaço e com o tempo em seu ritmo particular, está afetado por sons, por linguagem, por imagens e por tudo que lhe atravessa o corpo. Cada encontro é único e é um saber que propõe encontros de coletividade frente a história que se vive e a narrativa que se tecemos.

Deslizamos entre espaços imaginados, sentidos, percebidos e aprendidos e todos reunidos em um só instante que é a pessoa e sua fala e sua voz e seu silêncio é palco de grandes acontecimentos e precisamos ter lugar para fazer as vozes ecoarem. Essa travessia em tempos de fragilidades e reconstruções, requer que a escuta pouse em forma pontual, democrática, inclusiva e jamais sem a arte para alinhar o encontro.

É desta forma que a Escuta Pontual tem seu lugar de protagonista entre nós, reverberando em cada um o movimento para novas perspectivas

Do particular ao coletivo, a escuta é uma ação transformadora. Há uma complexidade no processo da escuta, que é o encontro que permite recriar espaços, entre nós no sentido do pronome que estamos em coletividade e partilhamos de saberes inovadores e estamos transitando com a escuta entre nós, o substantivo, que tem o sentido das amarras, do que não flui e precisa ser cuidado de ser aprendido e compreendido em circunstância de coletividade.

Os corpos ocupam o discurso em um lugar onde a voz ecoa permitindo a diferença entre ouvir e escutar, a escuta permite um lugar de transformação onde corpo, voz, ambiente se interligam, se compõem e algo diferente acontece. A escuta é ponto de encontro entre mim e o outro e no modo singular de mim comigo mesmo. Há um espaço de partilha no qual a estatística não alcança dizer o que uma escuta é capaz de escutar.

É um trabalho que acontece de modo pontual; ponto a ponto, entre o singular de cada um e a diversidade que somos compostos. Tecemos no espaço e no tempo algo particular, a esse processo entendemos ser a reinvenção de um modo de escutarmos nossas histórias.

Atualmente o Instituto Aus Ouvidos segue como compromisso de uma escuta que venha na posição de uma pontualidade estar sendo um espaço de reflexão, uma reflexão que permita agregar a diversidade não somente enquanto tema, mas enquanto

movimento de palavra a ser partilhada. Foi com este proposito que iniciamos a proposta atual 'Onde em nós a escola fala?' com uma discussão aberta aos curadores e colegas e amigos de áreas diversas a uma construção de um espaço que tenhamos ecos em nossas vozes capaz de abrir caminhos para que a desesperança seja vencida e a transformação da escuta enquanto movimento coletivo venha se fortalecer.

Referências

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia. São Paulo: Paz e Terra, 2017.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido. 21. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.